

2.4 Análise dos dados:

A análise dos dados se dará a partir de uma comparação entre os métodos tradicionais de ensino de instrumento e as necessidades levantadas para área de musicoterapia. Por meio dessa comparação será analisado se o ensino tradicional de instrumento, especificamente o violão, atende a reais necessidades das áreas musicoterapêuticas. Caso não atenda, será relatado o que deixa a desejar, e propostas serão elucidadas.

3 CONCLUSÃO

Pelo fato da pesquisa estar em andamento, ainda não foram evidenciadas as respostas propostas nos seus objetivos. Contudo, pretende-se: a) desenvolver um estudo sobre Musicoterapia que oriente o educador musical, inserido na formação do profissional musicoterapeuta, a contextualizar a disciplina prática instrumental, segundo as necessidades da área de Musicoterapia; b) evidenciar quais habilidades técnicas violonísticas atendem as exigências das áreas musicoterapêuticas; c) sugerir contextualização bem como a complementação de ementas e/ou programas de cursos de Musicoterapia que tratam sobre a prática instrumental; d) despertar o aluno para a criação, ou seja, incorporar nos conteúdos a serem estudados, aspectos que desenvolvam a criatividade no instrumento.

É de suma importância que os cursos voltados para a formação do Musicoterapeuta ofereçam um ensino de qualidade e capacitem o musicoterapeuta a realizar a sua profissão com maior segurança e profissionalismo.

REFERÊNCIAS

- BARANOW, A.L.V. Musicoterapia: uma visão geral, Rio de Janeiro: Enelivros, 1999.
- BENZON, Rolando O. Manual de Musicoterapia, Rio de Janeiro: Enelivros, 1985.
- BOGDAN, Roberto C. Investigação Qualitativa em Educação. (Tradutores: Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista), Portugal: Porto Editora, LDA. 1994.
- BRUSCIA, K. E. Definindo Musicoterapia. (Tradução: Mariza Velloso Fernandez Conde), 2ª ed, Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.
- CAMPOS, Moema Craveiro. A educação Musical e o novo Paradigma, Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.
- DOMINGUES, José Luiz.- O cotidiano da escola de 1º grau: o sonho e a realidade, Goiânia: CEGRAF/UFG, São Paulo: EDUC- Ed. da PUCSP, 1988.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa, São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. Filosofia da educação, São Paulo: Cortez, 1990.
- LÜDKE, Menga; ANDRE, Marli E.D.A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.
- SOUZA, Jussamara. Caminhos para a construção de outra didática da música. In: SOUZA, Jussamara (org) Música, Cotidiano e Educação, Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Música do Instituto de Artes da UFRGS, 2000, p.27-28 e p.176.

43- Da pesquisa clínica à institucionalização: novas perspectivas da musicoterapia em saúde mental. Ana Sheila Tangarife/RJ¹ e Elisabeth M. Petersen/RJ.²

Este vídeo digital (DVD) apresenta as várias fases de uma pesquisa clínica de musicoterapia, realizada durante três anos, no campo da Saúde Mental, com usuários do Museu de Imagens do Inconsciente, em parceria com o Conservatório Brasileiro de Música-Centro Universitário. Como hipótese de estudo, buscamos perceber se a Construção e Reparação de Instrumentos Musicais, nos moldes das Oficinas Terapêuticas, onde o musicoterapeuta é o próprio 'oficineiro', poderia ser uma metodologia adequada a um trabalho de auto-conhecimento, expressão e resgate de memórias de vida pessoal e social, e resignificação de identidades. As autoras e os dois estagiários narram o desenvolvimento do trabalho, intermediado por cenas clínicas que evidenciam a abordagem terapêutica através da construção e do fazer musical, a partir do conceito de Grupalidade Terapêutica (ALMEIDA et alli, 2004). A possibilidade de vivenciar o processo clínico respeitando o tempo de cada participante no grupo resultou no fortalecimento mútuo, na troca de "molduras referenciais" (GFELLER, 1990) em situações há muito cronificadas, na realização de projetos concretos, tanto na vida pessoal como profissional e em apresentações públicas de performance vocal do grupo. As cenas finais apresentam os desdobramentos da pesquisa inicial visando a Desinstitucionalização com Inclusão Social, fundamentada na Política Nacional de Saúde Mental: a prática musicoterápica acontece atualmente na Clínica Social de Musicoterapia Ronaldo Millecco/CBM-CEU, para onde os usuários se deslocam semanalmente. Como proposta alternativa, alguns dos participantes estão engajados em atividades de Musicalização Terapêutica (TANGARIFE, 2005) e, para o futuro, planejamos inserção dos mesmos em cursos livres de música da referida instituição de ensino.

Palavras-Chave: Musicoterapia, Saúde Mental, Desinstitucionalização, Inclusão Social.

¹ Musicoterapeuta Clínica, Mestre em Educação Musical (Conservatório Brasileiro de Música-RJ), Docente do Curso de Graduação e Pós-Graduação em Musicoterapia (Conservatório Brasileiro de Música-Centro Universitário), Supervisora de Estágios Acadêmicos na Área de Deficiência Mental, Musicoterapeuta Clínica do Instituto de Psicologia Clínica Educacional e Profissional (RJ), Coordenadora da Clínica Social Ronaldo Millecco e Pesquisadora Avadêmica do Centro de Pesquisa Jose Maria Neves (Conservatório Brasileiro de Música-RJ), com trabalhos publicados em Revistas, Livros no Brasil e no Exterior.

² Graduada em Musicoterapia pelo Conservatório Brasileiro de Música-Centro Universitário, Rio de Janeiro (2005). Graduada em Piano pelo Conservatório Brasileiro de Música-Centro Universitário. Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Pós-graduação Lato Sensu em Psico-oncologia pela Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais. (em curso). Musicoterapeuta clínica com atuação nas áreas de saúde mental, geriatria, reabilitação motora (atendimentos domiciliares) e oncologia. Participação em Congressos, Simpósios, Fóruns e Encontros no Brasil e no exterior. Artigos publicados no Brasil e na Noruega. E-mail: elisabeth_petersen_musicoterapia@yahoo.com.br.